Construções predicativas de mudança de estado e propriedade 15 anos depois: do foco na estrutura à língua em uso

Paulo Pinheiro-Correa[1]

Resumo: O artigo consiste em uma análise retrospectiva do tratamento da construção predicativa de mudança de estado e de propriedade tal como desenvolvido por nós no início da década de 2000 – baseados na semântica lexical (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998) em uma análise formalista – e de uma comparação com o estado da arte nos anos 2020. Com isso, revisamos nossas conclusões anteriores, agora à luz da Hipótese da Língua em Uso (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019), por meio da qual o conhecimento linguístico se organiza em redes associativas e emerge na cognição a partir do funcionamento dos mecanismos cognitivos de domínio geral, por um lado e, por outro, da Gramática de Construções Baseada no Uso (CROFT; CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006). O novo modelo fornece evidências empíricas e uma adequação explicativa de maior alcance.

Palavras-chave: Construções de mudança de estado; Espanhol; Gramática de construções baseada no uso; Quedar(se); Língua em uso.

Abstract: In this paper, a retrospective analysis of the treatment of the Spanish predicative construction of change of state and quality is presented. These constructions were analyzed by us in the early 2000s – within lexical semantics (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998) through formal analysis. Now we compare that analysis with the state of the art in the 2020s. Consequently, we review our previous conclusions, now considering the Language-in-Use Hypothesis (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019) and the Usage-Based Construction Grammar (CROFT; CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006). According to these accounts, linguistic knowledge is organized in associative networks and emerges in cognition based on general cognitive domain mechanisms. The new model provides empirical evidence and far-reaching explanatory adequacy to the data.

Keywords: Change of state constructions; Spanish; Usage-based Construction Grammar; Quedar(se); Language in use.

[1] Doutor em Linguística pela UFRJ. Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem/UFF. E-mail: papinheirocorrea@id.uff.br

Introdução

Em termos cognitivos, onde está o conhecimento linguístico do falante de uma língua? Está na mente ou imbricado em seu ser e manifestado em cada instância de interação no dia a dia? Este trabalho descreve o percurso de uma pesquisa sobre as construções predicativas de mudança de estado e de qualidade do espanhol. Mostraremos o tratamento dado à questão no período que compreende nossa pesquisa sobre o assunto (2003-2007) (CORREA, 2007) no âmbito das abordagens formais à sintaxe e à semântica, especificamente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 ss.) e a Semântica Lexical (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998). Em seguida, discutiremos uma abordagem diferente à mesma questão, elaborada por Bybee e Eddington (2006), na qual os autores analisam a distribuição e funcionamento destas construções à luz da concepção de língua como um sistema adaptativo complexo (ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009), que se desenvolve no indivíduo com base nos processos cognitivos inerentes de domínio geral (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019). Bybee e Eddington (2006) mostram que o funcionamento das construções em questão exemplifica a atuação dos referidos processos no âmbito da linguagem. Tal trabalho constitui um divisor de águas no tratamento à questão e, frente ao seu poder explicativo e descritivo, não se pode escapar destes achados ao tratar da questão sob um olhar contemporâneo.

O trabalho prossegue com uma proposta de identificação contemporânea do inventário de construções predicativas de mudança do espanhol à luz da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso (CROFT; CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006, DIESSEL, 2019), que se desenvolve no âmbito da concepção de língua como sistema adaptativo complexo, no conjunto de abordagens que se conhece hoje como Língua em Uso (ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009; BYBEE, 2010). São discutidas as vantagens teóricas e descritivas da adoção deste instrumental teórico para entender hoje os mesmos dados do ponto de vista da linguagem emergente. Esta análise retrospectiva constitui uma mudança de ponto de vista teórico, do entendimento anterior destas construções como produto de algoritmos mentais para a visão contemporânea de emergência cognitiva destes elementos com base na experiência direta do indivíduo com o mundo.

Retomando, a seção 1 descreve o objeto teórico; a 2 caracteriza estas construções dentro de uma visão formalista; a 3 discute o estudo seminal de Bybee e Eddington (2006) e na 4 é apresentado o estado da arte da questão, com uma proposta de descrição pormenorizada de como estas construções se estabelecem. A conclusão encerra o texto e retoma as ideias principais discutidas.

1. Construções verbais e predicativas

As construções predicativas do espanhol são aquelas caracterizadas pela presença de um verbo semicopulativo (do tipo *quedar*(*se*), *ponerse, volverse e hacerse*, entre outros), como no exemplo com *ponerse*, abaixo[2]:

(1) Mucho más que un par de anécdotas toma recuperar la fe en rescatar un celular que desaparece, por eso cuando Isabel llegó a casa diciendo que su celular estaba perdido, pero no se preocupen que mañana lo recuperó, su papá **se puso furioso**: Pero bueno, chica, en qué país crees tú que estamos viviendo.

O espanhol dispõe de outra construção de mudança de estado, a verbal, exemplificada abaixo;

(2) Andrea Ghidone brindó una entrevista a la revista Pronto, pero **se enfureció** por la foto que acompaña a la nota.

A construção em (2), verbal, ocorre de maneira incomparavelmente mais frequente e constante no espanhol que as predicativas. Na quantificação em Correa (2007) sobre 2026 dados de construções de mudança de estado do *Corpus de Referencia del Español Contemporáneo* (CREA), 88% dos dados de expressão de mudança de estado, foram de construções verbais de mudança de estado e 12% foram de predicativas. Na análise de Correa (2007) a construção predicativa termina por ser a mais comum na produção de brasileiros em espanhol. A razão para isto, do ponto de vista da linguística cognitiva é que elas repetem a conceptualização da mudança de estado como *estado resultante*, que é a preponderante na língua de partida, o português brasileiro (PB), manifestada na abundância das ocorrências de [ficar + predicativo] (CORREA, 2010). Este trabalho, no entanto, vai se concentrar na discussão sobre a natureza das construções predicativas e seu funcionamento no espanhol e o percurso de pesquisa por nós empreendido até o estado da arte nos dias atuais.

2. Anos 2000: As construções de mudança, as estruturas e a mente

Os anos 1990 e a primeira metade dos anos 2000 foram marcados na literatura pelas visões tradicionais sobre o funcionamento das construções de mudança predicativas do espanhol. Assim, autores como Porroche Ballesteros (1998), Liberman (2006) e Eres Fernández (2005) discutiram o tema considerando-o como a combinação semântica de um verbo semicopulativo (diferente das verdadeiras cópulas *estar* ou *ser*, mas ainda pertencentes ao inventário fechado da língua) e um predicativo (adjetivo ou substantivo, em alguns casos de *volverse* e *hacerse*), na qual o verbo semicopulativo empresta sua semântica intrínseca ao predicativo a ele associado.

[2] Todos os exemplos empregados neste artigo são do Corpus del Español (www.corpusdelespanol.org).

Assim, estes trabalhos coincidem em assinalar que as noções semânticas associadas a cada verbo semicopulativo são as seguintes:

Tabela 1 – Semântica tradicionalmente associada aos verbos semicopulativos do espanhol

verbo	semântica associada	exemplos (de Porroche 1998)
quedar(se)	Mudança de estado com caráter duradouro ou peramente	**Se quedaron** sin dinero
ponerse	Mudança de estado reversível e involuntária	Qué pálida **se pone** la gente cuando se cuentan mentiras
hacerse	Mudança de qualidade processual, não repentina e voluntária	No, lo que pasa es que se fueron porque se **hicieron** ricos
volverse	Mudança de qualidade inerente, definitiva, sem referência ao processo, se gradual ou não	Ese chico **se ha vuelto** muy antipático

Fonte: Pinheiro-Correa (2021).

A discussão sobre o componente cognitivo termina aí. Não se discute quais são os limites dessas combinações ou se elas são livres, ou o porquê de determinados predicativos não costumarem se associar a determinados verbos copulativos.

Nossa intervenção sobre a questão à época se deu pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, ss). De acordo com a hipótese gerativista de *interlíngua*, desenvolvida no final dos anos 60 por Corder (1967), Nemser (1971) e Selinker (1972), entre outros, e relida na virada do milênio à luz do Programa Minimalista por autores como Liceras (2005) e Schwartz e Sprouse (1994), este é um conceito indispensável no estudo da aquisição de L2. Trata-se do mecanismo mental que propicia o acesso do indivíduo ao input de uma língua nova. Este processo se daria – de acordo com a hipótese *Transferência Plena/Acesso Pleno,* proposta por Schwartz e Sprouse (1994) – através da cópia das propriedades formais da gramática mental do indivíduo e vem a constituir o meio transitório para que este possa começar a processar os dados da língua nova, desconhecida. Essa seria a razão pela qual os iniciantes em uma língua nova associam desde questões sintáticas e fonéticas até outras mais sutis, do âmbito semântico e pragmático, aos algoritmos e práticas que trazem de sua língua materna.

A interlíngua se caracteriza por duas fases principais. A primeira consiste em um acidentado percurso, caracterizado por novas reorganizações do sistema da gramática mental a cada novo conjunto de intakes[3] na tentativa orgânica de desvendar e processar dados incongruentes com a gramática transitória do indivíduo. Isto se dá pelas tentativas inconscientes de formulação de novos algoritmos de processamento, instauração de novas regras e procedimentos a serem testados para acomodar adequa-

damente os dados. Selinker (1972) aponta que este período de reajustes dura um tempo considerável, anos, e é caracterizado pelas supergeneralizações e pelos aparentes retrocessos, que agora devem ser considerados sob outro prisma.

A interlíngua – diferentemente do entendimento errôneo de alguns estudiosos – não termina nunca, de acordo com os autores citados, pois seu fim caracterizaria um estado ideal inalcançável, que teria que ser resultado do domínio compartilhado de todos os traços, do nível mais central, fonético/fonológico aos níveis mais sutis, pragmático e discursivo/ideológico com nativos de determinado grupo, o que é ilusório. Por isso, este meio de acesso pode se aperfeiçoar, pode estacionar em determinado ponto, mas será sempre um filtro entre a cognição do indivíduo e a L2. Em palavras mais técnicas, constitui um plano representacional intermediário na cognição dos dados da língua nova.

A segunda fase da interlíngua se caracteriza – ainda segundo Selinker (1972), cuja proposta inicial até hoje não foi refutada nos estudos gerativistas – por um período de estabilidade do sistema algorítmico, que leva a que o input não seja mais capaz de promover as drásticas reorganizações computacionais dos primeiros anos, ao contrário, esse sistema desenvolvido no aprendiz parece amadurecer e se tornar insensível aos dados, mesmo que estes sejam incongruentes com os algoritmos de processamento de que dispõe o indivíduo. Este período caracteriza a chamada fossilização. Aparentemente, esta gramática mental já está quase consolidada e fechada e passa a processar os dados que recebe com o que tem, na maioria das vezes, sem novos grandes rearranjos, até que chega à fase final, chamada de fase estável, na qual ela não se modifica mais.

No que diz respeito ao domínio do falante de espanhol das construções de mudança predicativas, em nossa pesquisa da época, procuramos postular um algoritmo que desse conta das especificidades semânticas de cada verbo semicopulativo expostas na Tabela 1.

De acordo com teóricos da semântica lexical, como Pustejovsky (1995), Jackendoff (1990), Rappaport Hovav; Levin (1998) e, para o espanhol, Morimoto e Pavón Lucero (2004), um evento complexo como o da mudança de estado, é decomponível em diferentes subeventos, cada um deles associado a uma noção semântica primitiva, que inclui, por exemplo, as noções de *devir*, *causação* e *agentividade*. No caso da mudança de estado analisada neste artigo, o primitivo semântico é DEVIR, localizado na planilha semântica abaixo, extraída de Rappaport Hovav; Levin (1998):

[[x AGE] CAUSA [DEVIR [y <ESTADO RESULTANTE>]]]

Algumas saídas fonológicas resultantes vêm exemplificadas abaixo:

(3) El Camp Nou ya festejaba, se **quedó helado con** el gol visitante pero la sensación duró un minuto por el cuarto blaugrana

(4) La travesía fué algo movida, con ráfagas de viento que alcanzaban los 40 nudos. Luis María no **se mareó por** las píldoras que le di

A diferença estrutural entre (3) e (4), saídas fonológicas para este predicado semântico complexo são que em (3) o primitivo semântico DEVIR quanto o ESTADO RESULTANTE são lexicalizados de maneira independente, respectivamente, como *se quedó* e *helado*, ao passo que no exemplo (4) ocorre uma fusão do primitivo semântico com o estado resultante na saída fonológica devido à disponibilidade na língua de um verbo lexical com as duas noções, *marearse*.

Enquanto em algumas línguas, como apontado por Porroche Ballesteros (1998, p. 127) tal primitivo semântico corresponde a apenas um verbo semicopulativo, como é o caso de *werden* do alemão, no espanhol ocorre uma especificação semântica mais plena do primitivo DEVIR, o que se traduziria, na linguagem gerativista, pela ativação de nódulos computacionais com propriedades diferentes, segundo a semântica que se quer expressar e levam à ocorrência de diferentes verbos semicopulativos, tais como *quedar*(*se*) ou *ponerse*. No PB, em comparação, o algoritmo computacional encontraria o primitivo semântico DEVIR subespecificado para as questões aspectuais elencadas na Tabela 1 e, ao mesmo tempo, uma lexicalização quase automática do primitivo DEVIR como "ficar", o que explicaria a alta frequência e distribuição das predicativas para a expressão da mudança nesta língua.

3. Bybee e Eddington (2006): um texto divisor de águas

Bybee e Eddington (2006) propõem uma explicação radicalmente nova para as construções predicativas de mudança de estado. Eles mostram que existe uma regularidade nas combinações e com base nestas regularidades que tais construções seriam aprendidas pelas crianças falantes de espanhol. Agora já não se trata de um verbo semicopulativo como primitivo gramatical que empresta sua semântica intrínseca (*quedar[-se] ou ponerse*, por exemplo) para caracterizar um adjetivo (*nervioso, mareada, loco, sola*, etc) em uma perspectiva paradigmática. Eles demonstram que essas combinações são aprendidas como conjuntos inteiros, como expressões de uma construção da língua.

Uma construção – dentro dos estudos da Gramática de construções baseada no uso (GOLDBERG, 1995; 2006; DIESSEL, 2019), linha teórica que se desenvolve com base nos estudos de Linguística funcional e Linguística cognitiva – é uma unidade simbólica da língua, compreendida de dois aspectos complementares e inseparáveis, forma e função. Ibarretxe-Antuñano e Cheikh-Khamis (2019) esclarecem a proposta de Goldberg (1995):

> A ideia principal é que as construções veiculam significado nelas mesmas, independentemente dos itens linguísticos empregados para saturá-las, ou seja, que as integram. Em algumas ocasiões a escolha dos itens linguísticos é restrita (como no caso das expressões idiomáticas mais fixas), mas em outras é bem menos restrita (resultando em padrões plenamente produtivos). Estas últimas podem criar uma família de construções que interagem umas com as outras, por meio de diferentes mecanismos chamados relações de herança [...].

(IBARRETXE-ANTUÑANO; CHEIKH-KHAMIS, 2019: 105).[4]

As autoras deixam claro que as construções, combinações de estrutura (forma) e significado perfazem funções na língua. Um exemplo é o da construção [EL + SUBSTANTIVO + ESE] do espanhol, que, independentemente do substantivo veiculado (*el gordo ese*, *la vieja esa, el temita esse*) apresenta as seguintes propriedades: (a) restringe a gama de substantivos que podem se encaixar na construção e (b) já tem como função pragmática por si só a de distanciar o enunciador do ente/entidade aludido pelo substantivo, protegendo a face de quem enuncia.

Ainda, as autoras explicam claramente a diferença entre construção e construto, a primeira correspondendo à estrutura dotada de significado em si mesma e o segundo, uma sequência concreta, com seus itens lexicais específicos cujo valor linguístico é a soma do valor da semântica dos itens específicos mais a função veiculada pela própria forma em si, a construção.

Quando nos comunicamos, lançamos mão de uma construção do repertório de nossa língua, estabelecido em redes associativas, motivados por fatores tanto semânticos, como o conteúdo do que queremos dizer, quando estatísticos, uma vez que o conhecimento linguístico é constantemente influenciado por todas as instâncias de uso, por parte do indivíduo e por parte do grupo.

Em seu estudo de 2006, Bybee e Eddington identificam as instanciações exemplares – os exemplos concretos de maior frequência e distribuição, que são as instanciações centrais – das construções predicativas do espanhol e as instanciações periféricas, que são os casos que ocorrem com menor frequência e estão ligados a uma maior especificidade semântica.

O que propicia o desenvolvimento da linguagem em um indivíduo são os processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2010), que estão na base teórica das abordagens da língua baseadas no uso, dentro da escola funcionalista contemporânea. Assim, contra a ideia de nativismo linguístico de Chomsky (1965, ss) os proponentes do emergentismo linguístico defendem que a linguagem se desenvolve no indivíduo junto com o desenvolvimento de todas as capacidades cognitivas, sem distinção. Daí, o que haveria de inato no ser humano são os processos gerais dos quais ele se vale para obter cognição do mundo que o cerca. Tais processos são as capacidades humanas de *categorização, estabelecimento de chunking* (*agrupamento cognitivos de ações repetidas, memória enriquecida e estabelecimento de analogias*, entre outras (BYBEE, 2010, p. 1). A linguagem emerge a partir do funcionamento desses processos e se dá *pari passu* com a emergência das capacidades motoras e de outras capacidades intelectuais.

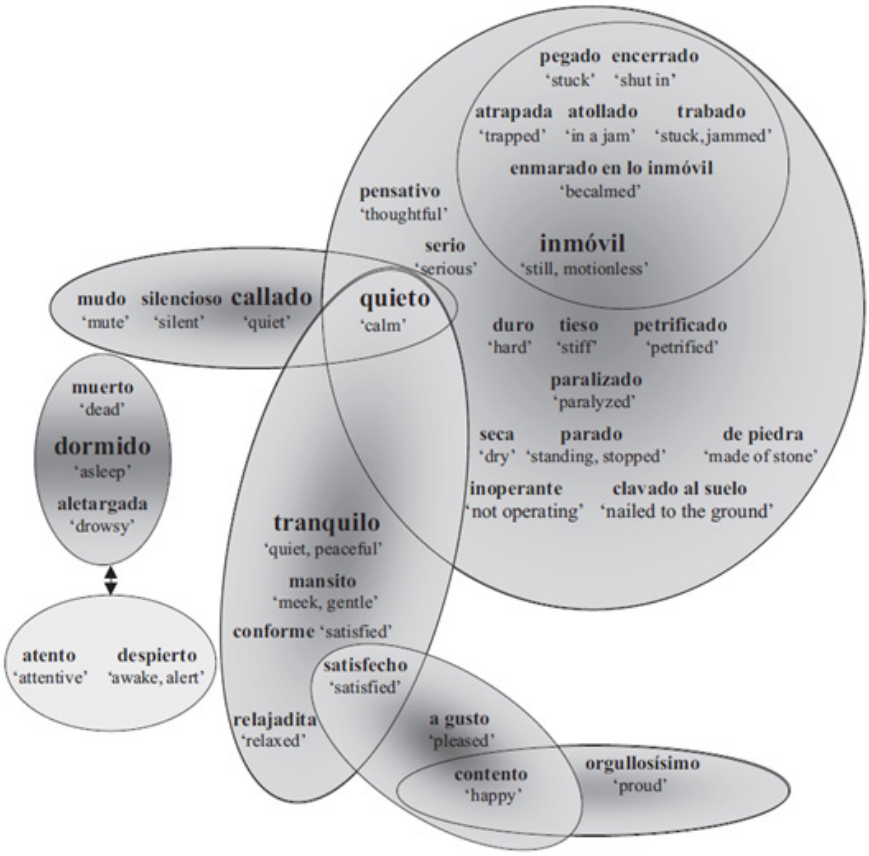
Bybee e Eddington (2006) mostram – através do estudo de dados de frequência

[4] Do original em inglês: The main idea is that constructions themselves are carriers of meaning independently from the specific linguistic items that saturate (i. e. integrate) them. On some occasions, the choice of linguistic items is restricted (e. g. tightly-bound idiomatic expressions), but on others, it is less constrained, which results in fully productive patterns. The latter may create a family of constructions that interact with each other by means of different mechanisms, called inheritance relations [...].

em corpora extensos – que a aprendizagem das construções predicativas de mudança do espanhol se dá a partir da identificação, por parte do indivíduo, de alguns exemplares[5] e da extensão do alcance desses exemplares por analogia. Isto significa dizer que existem no espanhol construções específicas: [quedar(se)+adjetivo], [ponerse+adjetivo], etc e que cada construção tem uma ou mais instanciações exemplares que permitem guiar o falante em direção a uma aquisição segura das construções de mudança.

Entre os exemplares mais fortes da construção [quedar(se)+adjetivo] no seu estudo estão *quedarse solo* e *quedarse quieto*. A categoria na qual *quedarse solo* é central é expandida na cognição com *quedarse soltera, quedarse aislado, quedarse a solas*, etc, por meio do processo de analogia, devido, entre outros fatores, à compatibilidade de traços semânticos e à semelhança de situações nas quais são usadas. Já para a combinação *quedarse quieto*, os autores levantam uma infinidade de situações, outros subgrupos centrados em *quedarse inmóvil, quedarse callado. quedarse tranquilo, quedarse dormido* e *quedarse a gusto.*

Figura 1 – Subgrupos derivados na cognição a partir do exemplar *quedarse quieto*



Fonte: Bybee e Eddington (2006, p. 334).

O estudo demonstra muito claramente a associação cognitiva da construção [quedar(se) + adjetivo] (e sua consequente diferenciação cognitiva da construção concorrente [ponerse + adjetivo]) pela associação dos exemplares à noção semântica de

estaticidade. Em um estudo diacrônico, Sant'Anna (2012) demonstra que a voz *quedar* do espanhol, que corresponde ao termo *quietare* do latim apresenta uma relação diacrônica sistemática com uma semântica estativa e, não por acaso, mesmo no plano sincrônico, a combinação *quedarse quieto* manifesta esta relação e instaura uma semântica da categoria.

Outra combinação relacionada, também apontada como exemplar pelos autores é *quedarse sorprendido*, cuja categoria se desdobra em instanciações como *quedarse acojonado, perplejo, frío*, que mantém um matiz da semântica estática comentada acima.

A análise se aplica de maneira similar para a construção [ponerse+adjetivo]. Neste caso, de acordo com Bybee e Eddington (2006: 340) o exemplar mais central é *ponerse nervioso*, que instaura uma categoria associada à reação psicológica (*ponerse histérico/furioso/bravo/agresivo)*, outra, à mudança de aspecto físico *(ponerse encarnado/colorado/rojo/como tomate)* e outra, de semântica de inação *(ponerse rígido/pálido/branco/tieso)*.

Antes da publicação de Bybee e Eddington (2006) o entendimento que se tem a respeito da combinação entre verbo semicopulativo e predicativo (*nervioso, mareada, loco, sola*, etc) é baseado em traços semânticos dos valores levemente associados aos *verbos de cambio*. Na sua qualidade de verbos semicopulativos, de acordo com Porroche Ballesteros (1998), estes elementos contêm leves traços semânticos que atribuem ao enunciado um matiz aspectual à mudança de estado ou de propriedade, como demonstrado na Tabela 1.

Algumas questões aspectuais relacionadas aos construtos[6] com os diferentes verbos semicopulativos são as seguintes: os construtos com *ponerse* se classificam, junto com aqueles com *quedarse,* à função de mudança de *estado.* Por outro lado, aqueles com *hacerse* e com *volverse* estão vinculados à função de mudança de *propriedade* do ente/entidade, o que se caracteriza por ser uma mudança, por definição, irreversível. Por outro lado, os construtos com *ponerse* e *volverse* estão vinculados às mudanças de estado pontuais. Os construtos com *hacerse* implicam a função de mudança gradual enquanto aqueles com *volverse* não parecem compatibilizar-se com a ideia de gradualidade. E, finalmente, tanto aqueles com *ponerse* quanto os com *quedar(se)* veiculam mudança de estado, mas os com *quedar(se)* se diferenciam dos de *ponerse* por implicar uma noção semântica embutida de duração ao estado referido pelo predicativo.

Em várias análises que trataram sobre o assunto foi seguido mais ou menos este caminho de explicação para o problema, como é o caso das de Eres Fernández (2005) e Liberman (2006). A questão é que tais análises não compreendem as instanciações concretas individuais como *se puso nervioso*, por exemplo, como *exemplares* que estabelecem redes cognitivas por analogia e outros procedimentos, e que vão gradualmente permitindo que outros elementos passem a ser incorporados e façam parte do repertó-

[6] Exemplos concretos da construção.

rio do indivíduo de modo organizado.[7]

4. Estado da arte, anos 2020: a língua em uso e as conceptualizações culturais

Nesta seção, apresentaremos uma análise da questão tal como a entendemos hoje, à luz da Gramática de Construções e das abordagens funcionalistas de Língua em Uso. Como discutido na seção anterior, os predicativos não se combinam livremente com diferentes verbos semicopulativos e automaticamente incorporam a semântica a elas associada. Bybee e Eddington (2006) mostram que os processos cognitivos de domínio geral, inerentes à cognição humana fazem com que categorizemos os diferentes predicativos partindo de combinatórias exemplares de [verbo semicopulativo+adjetivo] que vão guiar a aquisição desse saber e limitar combinações inadequadas. Os pesquisadores observam que isso é válido para os dois verbos de mudança mais frequentes, *quedar(se)* e *ponerse*. Para o caso de *quedar(se)*, eles mostraram que *quedar(se) quieto* e *quedarse sorprendido* são combinações que servem de guia e base semântica para a expansão da categoria das combinatórias possíveis de [quedarse + predicativo] na língua por parte dos seus falantes.

Já para os casos dos verbos de mudança menos utilizados, como *hacerse* e *volverse,* os pesquisadores não encontraram agrupamentos significativos de predicados nos corpora consultados. Tais verbos parecem impor um significado mais específico na combinação com o predicado, o que nos faz recuperar a tradicional classificação de Porroche Ballesteros (1998), que considera que *hacerse* denota uma mudança de qualidade na qual a pessoa se implicou ativamente, como no caso de uma formação profissional e que *volverse* denota uma mudança de qualidade inerente.

Veja o exemplo abaixo:

(5) María Moliner crió a sus hijos como toda una madre española, con mano firme y dándoles de comer demasiado, aun en los duros años de la guerra civil, en que no había mucho que comer. El mayor **se hizo médico investigador**, el segundo **se hizo arquitecto** y la hija **se hizo maestra**.

Volverse, dentro desta classificação, também denota uma mudança de qualidade representada linguisticamente sem o traço processual, o que pode significar que a mudança foi drástica ou que está sendo apresentada discursivamente como repentina pelo enunciador. Os exemplos abaixo ilustram, respectivamente, a primeira e a segunda possibilidade:

(6) Caballero llegó en una situación parecida a la de Asencio y Ferreyra, en mitad de campeonato y como refuerzo desconocido. Poco a poco acomodó

[7] A única exceção que conhecemos é o trabalho de Ibarretxe-Antuñano e Cheikh-Khamis (2019), que fazem uma proposta construcional de explicação e ensino destas construções, no âmbito do espanhol LE.

la defensa y en menos de una temporada **se volvió** ídolo.

(7) Se olvidaron de la formación de la cultura política, pasaron por encima de los principios, olvidaron la ética, hicieron a un lado la política. **Se volvieron politiqueros**. El 2 de mayo renuncié a mi aspiración a la Alcaldía porque no quedaba otro camino decente

O grupo dos quatro verbos de mudança considerados mais frequentes em espanhol, *quedar(se)*, *ponerse, hacerse* e *volverse* se divide em dois na comparação com o português: *quedar(se)*, *ponerse* e *hacerse* são frequentemente traduzidos por 'ficar' do português, que aparece como um coringa independente de todos os matizes de significado dos três verbos do espanhol. Do outro lado, *volverse* aparece sozinho, como equivalente de 'virar' do português[8].

Dentro da abordagem funcional contemporânea da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006) o saber gramatical de um indivíduo é constituído pelas construções que fazem parte do repertório de sua língua e que são parte do conhecimento mais ou menos estável dos membros de uma determinada comunidade linguística, o que se dá por meio do mecanismo de cognição compartilhada.[9] Dentro desta visão, saber uma língua é conhecer o repertório de construções desta, aprendido por meio dos processos cognitivos de domínio geral, facilitado pela alta exposição repetitiva a dados e armazenados de maneira redundante na cognição.

Dentro deste modelo teórico, a construção é uma amálgama de forma e significado, de maneira que as formas são aprendidas e apreendidas junto com o contexto e todos os demais elementos semânticos e pragmáticos captáveis da cena de enunciação. Dentro desta visão, cada construção só existe e sobrevive na língua pelo fato de que ela tem uma função específica. Por função, entende-se um valor semântico acrescido de um valor pragmático/informativo. As diversas construções de uma língua se organizam em redes associativas e mantém laços taxonômicos entre si, o que dá a esta organização cognitiva uma estrutura sólida através da correspondência simbólica entre as construções.

Assim, o repertório de um falante de espanhol apresenta duas construções que concorrem na cognição para serem recrutadas para corporificar o enunciado, diante da necessidade de expressar a mudança de estado. Do ponto de vista puramente semântico, as qualidades semânticas da mudança de estado que o indivíduo quer expressar

[8] Góes de Andrade (2012), no entanto, consegue mostrar que na tradução brasileira de *Cien años de soledad* de García Márquez, os quatro verbos semicopulativos do original foram traduzidos por "ficar", inclusive *volverse,* em ocasiões.

[9] Como observa Sharifian (2017) no âmbito da Linguística cultural, a conceptualização, da linguística cognitiva, varia segundo o grupo social, constituindo diferentes conceptualizações culturais para o mesmo objeto da experiência. O mecanismo de cognição compartilhada procura descrever como isso se dá: ao possuir dois níveis, o individual e o coletivo, consegue apreender a estabilidade cognitiva de uma determinada conceptualização (o nível macro) e a variação e mudança (nível micro).

influenciam sobre a escolha por uma construção **verbal** ou uma **predicativa**. Do ponto de vista da Língua em Uso, algumas construções são mais salientes na cognição dos membros de determinado grupo linguístico por estarem mais entrincheiradas: por terem maior frequência, por terem mais ampla distribuição, pelo seu posicionamento na rede de construções e/ou por constituírem *chunks*[10] da língua. Estas então terminam por ser a opção por defeito (*default*) de seus falantes, a primeira opção para ser empregada na construção de enunciados. Esta característica é influenciada pelas trocas linguísticas do dia a dia, já que estas impactam sensivelmente na representação cognitiva que os falantes têm da língua, modificando estatisticamente a saliência perceptual e demais propriedades das diferentes construções na cognição dos indivíduos do grupo social.

4.1. A construção verbal

A construção de mudança de estado ou qualidade mais facilmente disponível cognitivamente para os falantes de espanhol é a verbal, que se mostra como a mais frequente entre as construções recrutadas pelo falante para expressar a mudança de estado – 88% dos casos estudados por Correa (2007).

Utilizando o conceito de **conceptualização** da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987), bem como a ideia da relatividade da conceptualização dos objetos da experiência em diferentes línguas (LANGACKER, 1994, 2008; SHARIFIAN, 2017), a mudança de estado em espanhol é conceptualizada prototipicamente como um **processo** pelos usuários da língua. Uma metáfora visual para este procedimento é uma fotografia. Considerando que, semanticamente, toda mudança de estado compreende pelo menos três fases – estado inicial, transição e resultado – (MORIMOTO; PAVÓN LUCERO, 2007; CORREA, 2010), esta construção equivale a uma fotografia da fase transicional da mudança, desconsiderando o estado inicial e o resultado. Sua motivação na língua estaria relacionada ao seu pertencimento a uma rede taxonômica forte de construções de núcleo verbal na língua, o que explicaria também a força de outras construções de núcleo verbal na língua na comparação com o PB, como a grande disponibilidade da passiva pronominal frente à da passiva perifrástica, por exemplo.

A construção pode ser exemplificada nas entradas de blog abaixo:

(8) Ares de Blas nos relata una anécdota suya: cuando **su hijo se enfermó**, lo llevó con un médico – que sí tenía título y todo lo que un médico debe tener –, pero que a la vez, era homeópata y promotor de otras medicinas alternativas.

[10] Sequência (neste caso, de palavras) que é processada como item único, de maneira automatizada, na cognição, para evitar sobrecarregar a memória de curto prazo.

(9) Ellas escuchaban hablar de Perón, y no sabían que estaba prohibido expresarse públicamente, o que podía traerles graves consecuencias. El tío **se enojó** mucho, casi las mata a cintarazos y sermones [...]

4.2. A construção predicativa

Conforme discutido acima, a mudança de estado em espanhol tende a ser conceptualizada como um processo, o que leva à escolha da construção verbal para a sua expressão, na grande maioria das vezes. Considerando a hipótese de marcação, há casos que terminam por ser marcados – quando o falante opta por empregar a construção menos usada na língua – neste caso, a predicativa.

Esta construção apresenta a mudança de estado conceptualizada como um **estado resultante**, não-eventivo, associado à ideia de **estados**, de Vendler (1967), não como um **processo**, dinâmico e, por isso, foca no adjetivo que caracteriza o predicativo – *fría/solo/nerviosa* etc. Considerando mais uma vez a metáfora da fotografia, dessa vez, a foto seria da fase final, o estado resultante da transição, seja ele mais ou menos duradouro. Uma pergunta que poderia surgir é: se a construção verbal é a que apresenta maior saliência perceptual e, portanto, é a primeira disponível na cognição, por que ocorrem as predicativas? A resposta deve seguir por pelo menos dois caminhos: (i) há mudanças de estado cuja falta de produtividade da contraparte verbal força o recurso à predicativa, como no exemplo comparado do espanhol e italiano:

(10a) *Espanhol*: *No te pongas nervioso*
(10b) *Italiano*: *Non t'innervosire*

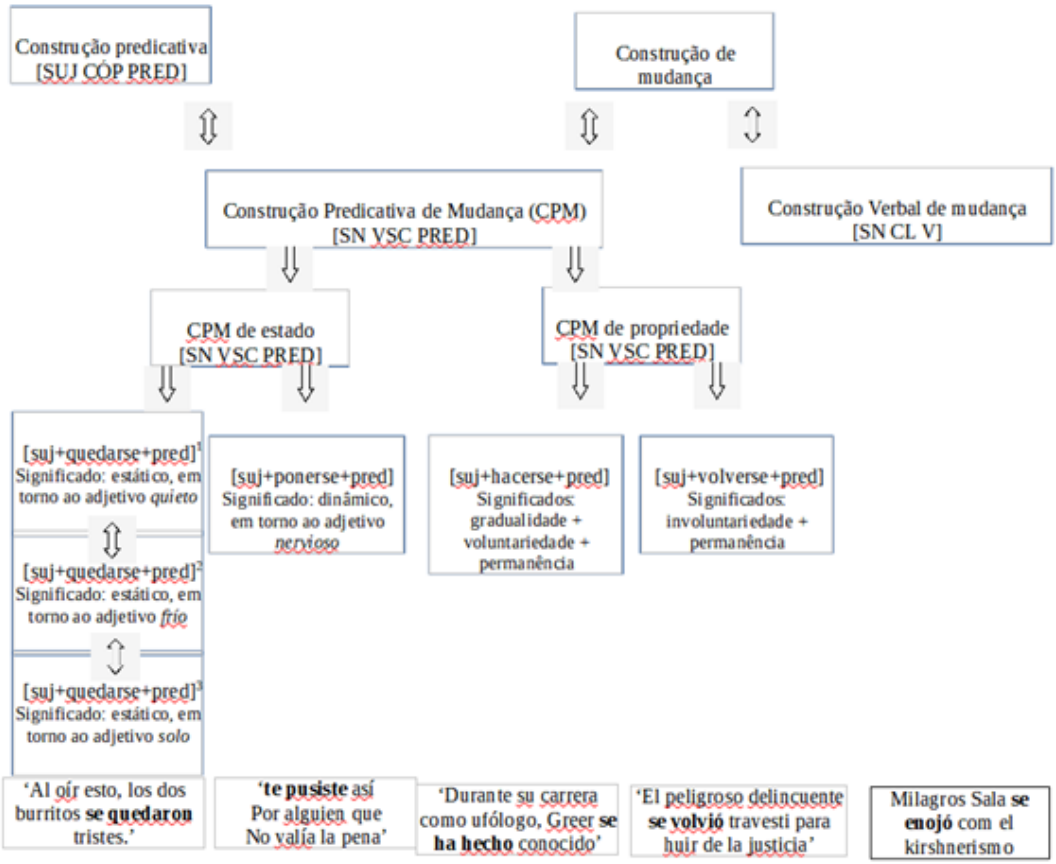
O par de exemplos mostra que, no italiano, a forma verbal flexionada de *innervosirsi*, contraparte verbal de *ponerse nervioso,* é produtiva, frente à pouca produtividade e distribuição de *enervarse* do espanhol, se comparada com a de sua contraparte predicativa.

O outro caminho, (ii), é explicado pelas abordagens de língua em uso. Na hipótese emergentista de aquisição e desenvolvimento da linguagem, as construções são aprendidas uma a uma, como todos os seus detalhes contextuais, pragmáticos e informacionais, através da memória enriquecida (BYBEE, 2010). Com a exposição do indivíduo a novos dados, as construções vão, aos poucos, se organizando em grupos taxonômicos, não são aprendidas em blocos guiados pela sintaxe, como postulam outras abordagens, mas como combinações únicas de léxico/morfossintaxe/semântica/discurso/fonética/fonologia, além de todas as informações pragmáticas, como interlocutores, hierarquia entre eles, situação, estrutura informativa, etc. A expansão de uma categoria leva em consideração afinidades com todas as características enunciativas, além das estruturais.

Os exemplares da construção predicativa – identificados por Bybee e Eddington (2006) como *quedarse solo/quedarse frío* e *ponerse nervioso* – entre alguns outros – são perceptualmente salientes, e, por isso, altamente disponíveis, devido a sua reiteração nas trocas linguísticas diárias. Essa saliência perceptual lhes garante presença nos dados de interação quando de construções predicativas se trata – o que deve sempre ser reiterado, já que o universo das construções predicativas no espanhol corresponde a apenas 12% dos casos de expressão de mudança.

A figura abaixo ilustra uma proposta de rede parcial para estas construções:

Figura 2 – Proposta de representação parcial de rede de construções predicativas do espanhol



Fonte: Pinheiro-Correa (2021).

Nesta proposta de representação da rede de construções predicativas do espanhol, a linha mais alta corresponde ao nível mais abstrato deste esquema parcial, onde estão representadas a construção predicativa abstrata de forma [SUJEITO + CÓPULA + PREDICATIVO] – que poderia corresponder a diferentes construtos, com semânticas completamente diferentes, como *Ella está en casa*, *El perro se puso ahí* ou *El colegio queda lejos* – e também a construção de mudança, como *Carlos se ha vuelto*

loco ou *Mamá se puso nerviosa*.

À medida que o diagrama descende, vai mostrando o maior nível de concretude da construção. Assim, a segunda linha do diagrama, na qual estão representadas especificamente, a construção predicativa de mudança e a construção verbal de mudança corresponde ao nível das construções abstratas de mudança em si. As setas duplas estabelecidas entre a construção de mudança, no primeiro nível e as construções predicativa e verbal, no segundo nível, vão mostrando a especialização progressiva na construção de mudança e nossa proposta de sua existência como um nódulo cognitivo, ainda que abstrato, na rede. A construção predicativa guarda relações de herança com as duas construções em nível abstrato representadas na primeira linha, combinando propriedades da construção de predicativa e da de mudança. A construção predicativa guarda relações taxonômicas não apenas com a construção predicativa de mudança, mas também com outras construções de núcleo nominal, como as passivas analíticas. A rede de relações da construção predicativa não aparece representada, apenas o laço entre esta e a construção predicativa de mudança. Da mesma maneira, a construção de mudança, na primeira linha (nível mais abstrato) guarda relações simbólicas com a construção verbal de mudança, que mantém, por sua vez, laços de herança com a construção verbal (não representada no diagrama). A construção verbal, por sua vez, mantém relações em rede com outras construções de núcleos verbais, como as passivas *reflejas*, por exemplo, tema que não é desenvolvido aqui.

A terceira linha da figura corresponde às mesoconstruções predicativas de mudança de estado e de propriedade. Estas vêm a ser especificadas na quarta linha, chamado de *nível da microconstrução*, em que se dão as diferentes construções com os verbos semicopulativos especificados em cada uma delas. Estas representam as categorizações indicadas em Bybee e Eddington (2006) que se desdobram em torno aos diferentes exemplares apontados pelos autores, no esquema [suj+quedarse+pred][1], associado a *quieto,* como no construto: *Los dos burritos se quedaron tristes*; [suj+quedarse+pred][2], associado a *frío,* como no construto: *El jefe se quedó helado*; [suj+quedarse+pred][3], associado a *solo,* como no construto: *Así que Matt y Mimí se quedaron solitos* e assim por diante. Estas se influenciam entre si e por isso as representamos ligadas por setas duplas.

Da mesma maneira, a construção predicativa de mudança também se especializa em outra microconstrução, centrada, desta vez, no verbo *ponerse*, que apresenta um significado basicamente oposto ao das microconstruções centradas em *quedarse*, no que diz respeito à semântica da mudança de estado. Esta é a microconstrução de mudança instanciada no construto "*Te pusiste así por alguien que no valía la pena"*, por exemplo.

Já com relação às construções de mudança de propriedade, também no nível da microconstrução, a agrupação e proposta de categorização foi feita com base nos traços semânticos postulados por Porroche (1998), na ausência de exemplares claros

que pudessem guiar naturalmente a constituição das categorias.

Já a construção verbal aparece representada sem desdobramentos, como um único nódulo na rede, sem nível de microconstrução.

O último nível é o dos construtos que correspondem às instanciações concretas da construção na língua e também foi apresentado, em contraposição, um construto referente a uma instanciação da construção verbal.

A proposta aqui apresentada, de microconstruções predicativas ligadas aos diferentes verbos de mudança de estado e de propriedade procura captar as diferentes funções das microconstruções segundo o verbo pseudocopulativo e a predisposição dos adjetivos – já estabelecida na cognição dos usuários da língua e demonstrada por meio de corpus – de ligar-se composicionalmente a um verbo pseudocopulativo e não a outro.

Já a microconstrução com o verbo pseudocopulativo *quedarse*, a que ocorre com maior frequência devido à sua complexidade, foi subdividida nesta representação em rede, em microconstruções ainda mais concretas. Esta proposta procura captar os achados da abordagem cognitiva de Bybee e Eddington (2006) e, ao estabelecer categorias formais na rede para as diferentes funções estabelecidas pela construção ([suj+-quedarse+pred]^{1}, [suj+quedarse+pred]^{2} e [suj+quedarse+pred]^{3}) procura apreender as propriedades cognitivas necessárias para o processamento de matizes de significado tão especializados.

5. Conclusão

Neste artigo foi apresentado o percurso de pesquisa por nós empreendido desde 2003 sobre a natureza das construções de mudança de estado e propriedade predicativas do espanhol, sem esquecer que estas são minoritárias e periféricas na língua, aparecendo em apenas 12% dos casos na análise de corpus de Correa (2007). Igualmente, o texto apresenta uma mudança de orientação teórica que procura acomodar melhor as propriedades dos dados com o estado da arte. Até a publicação do trabalho de Bybee e Eddington (2006) a construção de mudança predicativa era entendida no plano cognitivo como uma associação semântica composicional entre um verbo predicativo dotado de uma semântica mínima e que emprestava essa semântica a um item do inventário aberto da língua, fosse um adjetivo ou um substantivo.

Bybee e Eddington (2006) usam as construções de mudança predicativas do espanhol para demonstrar como funcionam os processos cognitivos de domínio geral – cruciais nas análises de língua em uso – no plano linguístico e instauram uma nova visão para a organização cognitiva destas construções. Eles demonstram que antes de o verbo copulativo emprestar sua semântica intrínseca a um adjetivo/substantivo, trata-se de combinações básicas de significados que funciona integrada, cada uma delas, como uma unidade básica da língua, uma **construção**. Assim, a partir de combinações

únicas do tipo *quedar(se) quieto* ou *quedar(se) solo*, formam-se categorias com novas combinatórias limitadas pela compatibilidade semântica com as primeiras combinações exemplares. A partir deste trabalho é necessário incorporar a dimensão da língua em uso e o conceito de linguagem emergente dela decorrente para compreender o funcionamento destas construções.

No panorama contemporâneo, analisamos as construções predicativas do espanhol como várias construções diferentes, cada uma com seu verbo copulativo próprio que correspondem a categorias em uma rede cognitiva com relações entre si. Tal análise se aplica perfeitamente às construções que contém os verbos copulativos *quedar(se)* e *ponerse*. No caso das construções que admitem substantivos como predicativos e, não apenas adjetivos, como aquelas com *volverse* e *quedarse*, ainda faltam estudos que possam apresentar claros exemplares estruturantes das categorias correspondentes a estes.

Referências

BALLESTEROS, Margarita Porroche. Análisis de textos coloquiales en la enseñanza del español como lengua extranjera. In: *El español como lengua extranjera: del pasado al futuro: actas del VIII Congreso Internacional de ASELE*, Alcalá de Henares, 17-20 sep. 1997. p. 651-660.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan; EDDINGTON, Dave. A usage based approach to Spanish verbs of "becoming". *Language*, v. 83, n. 1, 2006.
CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT. Press, 1995.

CORDER, Stephen Pit. The significance of Learner's Errors. *International Review of Applied Linguistics*, v. 5. n. 4, p. 161-170, 1967.

CORREA, Paulo A. P. *A expressão da mudança de estado na interlíngua de aprendizes brasileiros de espanhol*. Tese de Doutorado, FL/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

CORREA, Paulo A. P. Variación aspectual y sintáctica em las construcciones de cambio de estado em español: una mirada desde el portugués. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, p. 167-184, 2010.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

DIESSEL, Holger. *The grammar network*: how linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019.

ELLIS, Nick C.; LARSEN-FREEMAN, Diane (Ed.). Language as a Complex Adaptive System. *Language Learning*, n. 59, Suppl. 1, 2009.

ERES FERNÁNDEZ, Isabel. G. Cómo llegar a ser capaz de explicar que la rana se convirtió en un príncipe sin volverse loco y sin ponerse nervioso, o los verbos de cambio

en la clase de E.L.E.. In: SEDYCIAS, João. (Org.). *O ensino do espanhol no Brasil. Passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 172-181.

GÓES DE ANDRADE, Otávio. *Matizes do verbo português ficar e seus equivalentes em espanhol.* Londrina: Eduel, 2012.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions:* A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; CHEIKH-KHAMIS, Fátima. "How to become a woman without turning into a Barbie": Change-of-state verb constructions and their role in Spanish as a Foreign Language. *IRAL*, v. 97, n. 1, p. 97-120, 2019.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structures*. Cambridge, MA: The MIT Press. 1990.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, Volume I. Theoretical Prequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. Culture, cognition, and grammar. In: PÜZ, Martin (Ed.). *Language contact and language conflict*. Ansterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

LANGACKER, Ronald. The relevance of cognitive grammar for language pedagogy. In DE KNOP, Sabine; DE RYCKER, Teun (Ed.). *Cognitive Approaches to Pedagogical Grammar*: A Volume in Honour of René Dirven. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

LIEBERMAN, Dorotea Inés. *Temas de gramática del español como lengua extranjera*: Una aproximación pedagógica. 1. ed. Buenos Aires: Eudeba Editorial, 2007.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. *Unaccusativity*. Cambridge, MA: The MIT Press. 1995.

LICERAS, Juana. Spanish L1/L2 Crossroads. Can we get "there" from "here"? In: PÉREZ-LEROUX, Ana T.; ROBERGE, Yves (Ed.). *Romance Linguistics*: theory and
acquisition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

LIEBERMAN, Dorotea. *Efectos de sentido de quedar(se) en la interlengua de brasileños aprendices de español*. Trabalho inédito, Universidad de Buenos Aires, 2006.

MORIMOTO, Yuko; PAVÓN LUCERO, María Victoria. Aproximación semántica a la gramática de "ponerse" y "ąuedarse. *Studia Romanica Posnaniensia* 31. 2004, p. 385-392.

MORIMOTO, Yuko; PAVÓN LUCERO, María Victoria. *Los verbos pseudo-copulativos del español*. Madrid: Arco Libros. 2007.

NEMSER, William. Approximative System of Foreign Language Learners. *International Review of Applied Linguistics* IX. No.2. 1971. p.115-123.

PORROCHE B., Margarita. *Ser, estar y verbos de cambio*, Madrid, Arco Libros. 1998.

PUSTEJOVSKY, James. *The Generative Lexicon*. Cambridge (Mass): The MIT Press, 1995.

RAPPAPORT HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building Verb Meanings, In: BUTT, Miriam; GEUDER, Wilhelm (Ed.). *The Projection of Arguments*. Stanford: CSLI Publications, 1998, p. 97-134.

SANT'ANNA, Magda B. de. *Quietare e Figuicare: uma pesquisa diacrônica das construções de mudança de estado no espanhol e no português*. Dissertação de Mestrado, IL/UFF, 2012.

SCHWARTZ, Bonnie; SPROUSE, Robert. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In: HOEKSTRA, Teun; SCHWARTZ, Bonnie T. D. (Ed.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

SELINKER, Larry. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics* Vol.10 No. 3. 1972. p. 209-231.

SHARIFIAN, Farzad. *Cultural Linguistics*: cultural conceptualizations and language. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins. 2017.

VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, N. Y.: Cornell University Press. 1967.